

GRANDES LINHAS ECLESIOLÓGICAS DO CONCÍLIO VATICANO II: NOVIDADES

Aloísio Cardeal Lorscheider*

1. O Vaticano II foi um Concílio eminentemente pastoral.

O que queremos com a pastoral? Realizar aqui e agora, nesse dado momento histórico, a missão salvífica da Igreja, continuação e prolongamento de Jesus Cristo, Salvador de todos os homens, até à sua volta no fim dos tempos.

2. Qual é mesmo a orientação pastoral do Vaticano II?

É a pastoral que, *em Cristo, se renova, se rejuvenesce (atualiza-se), aggionanarsi*, cada dia, *no diálogo* com os homens e que, com Medellín, Puebla e Santo Domingo, se torna na América Latina pastoral da *evangelização libertadora e inculturada, de comunhão e participação*.

É a pastoral que escuta, que vem ao encontro, que se abre às *justas exigências* do mundo de hoje (democracia, liberdade, personalidade, responsabilidade, respeito às livres iniciativas, sinceridade, autenticidade, justiça social, cultura, promoção do homem, progresso, diálogo, solidariedade, comunidade, desenvolvimento, direitos fundamentais da pessoa humana...) para ajudá-lo, num espírito de *doação total*, que é o serviço (= a diaconia) dos pobres (*anawim*) de Jahvé.

É a pastoral que considera a maneira de pensar dos homens, a sua linguagem, o seu modo de vida para apresentar o Evangelho de Jesus Cristo como a mensagem que liberta e plenifica o homem.

É a presença *crítica* da fé no mundo de hoje, a releitura da Palavra de Deus dentro das mudadas condições de nossos tempos.

É o caminho da Igreja com os homens de hoje; uma Igreja que, em Cristo, se renova sem cessar e renovada se insere como *servidora* (= Serva de Jahvé) e *dialogante* no mundo de hoje.

3. O que é que determina e fundamenta esta pastoral do Vaticano II? A perspectiva eclesiológica do Vaticano II

O Vaticano II apresenta-nos essencialmente a mesma Igreja de Jesus Cristo dos Concílios anteriores, acentuando, porém, alguns aspectos particulares que, no decurso dos tempos, ou ficaram mais esquecidos ou perderam o seu vigor na prática e reflexão pastoral.

Quais são esses acentos especiais?

Igreja-Povo de Deus Peregrino; Igreja-Testemunha e Compromisso; Igreja-Comunhão; Igreja-Conversão; Igreja Missionária; Igreja-Carisma; Igreja Pobre; Igreja Dialogante.

3.1. Igreja – Povo de Deus Peregrino

O Vaticano II concentrou a sua atenção mais no aspecto de *Igreja-Mistério de Salvação* do que no aspecto de *Igreja-Instituição de Salvação*.

Na consideração da Igreja, sem esquecê-la como *fundação* de Jesus Cristo (LG 5), é preciso ter presente seu aspecto *dinâmico*.

Não se deve ficar demasiadamente preso ao imutável da Igreja, ao institucional. Isto poderia dar uma visão de Igreja muito a-histórico, a-temporal, criando uma mentalidade estática. É fácil ficar numa Igreja como *situação estabelecida* no passado da cristandade, agarrado às formas de encarnação do passado e denominar isto *tradição*. Na realidade, a autêntica tradição é a *tradição viva*.

A Igreja, sem rejeitar o válido do passado, é um organismo *vivo*, sempre *em crescimento*, sempre *em construção* (hajam visto as imagens do Corpo de Cristo, Povo de Deus, Templo do Espírito Santo com que ela é caracterizada na revelação). Ela é, de alguma forma, sempre um *projeto* porque deve buscar entre os homens a realização do *Reino de Deus*, do qual é o *signal*, o *germe*, o *princípio*, o *instrumento* no meio dos homens para conduzi-lo à sua meta definitiva (cf. LG 5; Puebla 227-228). Sua palavra e sua ação serão realizações parciais do Reino, trabalhando para a instauração de uma sociedade (mais) justa, fraterna e sólida, como vitória sobre o pecado, a injustiça, a opressão, no exercício de sua função profética. Esse seu trabalho levá-la-á ao conflito, à perseguição e à morte à semelhança de seu Divino Fundador. Esta participação no destino de Jesus é uma exigência do seu seguimento (cf. Mc 8,34; LG 8).

O Vaticano II situou a Igreja, em sua missão evangelizadora, na dimensão da *história* dos homens, de modo a que se entendesse melhor o nexo de sua existência com o desenvolvimento do plano salvífico de Deus no mundo em ordem à construção do Reino.

A Igreja é, *na história*, o acontecer da salvação como *proposta* de Deus e *resposta* dos homens. Ela não se considera jamais definitivamente construída e acabada; Ela é um acontecimento *sempre novo* do Espírito de Cristo entre os homens.

3.2. Igreja-Testemunha e Compromisso

A atenção da Igreja dirige-se, hoje, com insistência particular à dignidade da pessoa humana como ser livre e consciente, em sua totalidade de corpo e alma.

É necessário, porém, manter sempre o equilíbrio entre o institucional, o sociológico, o jurídico, o ritual, o externo e o estado real de intimidade religiosa dos fiéis; entre a estrutura eclesial e a co-responsabilidade eclesial; entre a agregação batismal à Igreja e as garantias de desenvolvimento cristão do batizado. Deve prevalecer um cristianismo *vivo* a um Cristianismo *oficial*, uma Igreja de salvação a uma religião de ritos, um Povo de Deus a uma Massa Cristã. É um equilíbrio entre o *opus operatum* e o *opus operantis*.

O sinal que visibiliza a Igreja não deve ser tanto o número de batizados quanto a existência de uma comunidade de pessoas convertidas a Deus e ao testemunho cristão.

A adesão à Igreja deve ser *pessoal, livre, responsável*, de *compromisso*. A fé é autêntica se for um encontro *pessoal* com Cristo na intimidade da consciência do fiel.

Para a edificação autêntica da Igreja é insuficiente a manutenção de uma situação de fé entendida *só* como reconhecimento doutrinal das verdades da fé católica. A fé *não é cultura; ela é conversão*. Ela deve estar informada pela caridade (cf. *Gal* 5,6). É necessário formar sempre comunidades imbuídas de zelo apostólico (cf. Sínodo dos Bispos, 1971, *O ministério sacerdotal*, 8d).

Nesta linha personalista da fé cristã há toda uma revisão da prática dos sacramentos a ser feita. Eles são tanto mais eficazes quanto mais forem *profissões de fé*. Sacramento e palavra, culto e missão, liturgia e fé, rito e conversão devem aparecer sempre mais inseparáveis no processo de

edificação da comunidade cristã. A prática *frequente* dos sacramentos deve manter-se por uma prática *intensa* da vida cristã, iluminada e vivificada pela fé.

A Igreja do Vaticano II orienta-se para a salvação do homem todo, corpo e alma, eternidade e história, e não só para a salvação das almas. Não é, portanto, só o espiritual ou só o social, mas os dois aspectos unidos que devem ser salvos em Cristo.

3.3. Igreja-Comunhão

Uma terceira acentuação na visão de Igreja do Vaticano II é a abertura à *comunidade*, a abertura ao comunitário como forma de viver a vida cristã. É o oposto ao individualismo, individualismo “*rastejante*”, na expressão de João Paulo II (cf. *Laborem Exercens*, 21).

Existir em comunidade é exigência da fé cristã. A fé se vive em comunidade e a salvação nos chega enquanto membros de um povo eleito:

Aprouve contudo a Deus santificar e salvar os homens não isoladamente, sem nenhuma conexão de uns com os outros, mas constituí-los num povo, que O conhecesse na verdade e O servisse santamente (cf. *LG* 9).

O essencial do mistério da Igreja é ser ela uma comunhão com o Pai por Cristo no Espírito Santo e viver ela em comunhão fraterna como sinal da comunhão com Cristo. A Igreja é salvação e graça, é missão e testemunho em comunhão com outros. É aqui que se coloca a reflexão e a consequência prática da co-responsabilidade, colegialidade, subsidiariedade, participação.

3.4. Igreja Conversão

A chave do sentido da renovação da Igreja conforme o Vaticano II está no fato de a Igreja ser o *sacramento universal de salvação* (cf. *LG* 48; *GS* 45).

A renovação, portanto, não pode ficar apenas na revisão das estruturas relacionadas com os sinais institucionais da Igreja. A renovação mais profunda do Povo de Deus está na linha da purificação dos sinais evangélicos: correspondência e fidelidade da vida dos cristãos aos imperativos do Evangelho. *Estruturas* e *vida* condicionam-se mutuamente. De ambas depende o poder de atração e de visibilidade do sinal salvífico da Igreja.

A Igreja deve fazer *milagres*, isto é, *sinais* que tornem a evangelização *crível e mais eficiente*. Ora, o maior milagre, o maior sinal a realizar hoje é o do testemunho da caridade total, da doação total, do testemunho de uma Igreja pobre, servidora, disponível, libertadora, evangélicamente libertadora e inculturada.

A renovação conciliar implica conversão das consciências, transformação de mentalidades no sentido de um catolicismo mais bíblico, missionário, personalista e comunitário, dinâmico e encarnado, serviçal e solidário, empenhado na convivência com os homens sem renunciar à comunhão com Deus, de um cristianismo onde o rito seja a vida.

3.5. Igreja-Missionária

Uma Igreja que anuncia alegremente ao homem de hoje que ele é Filho de Deus em Cristo, uma Igreja que se compromete com a libertação do homem todo e todos os homens (*o serviço da paz e da justiça é um mistério essencial da Igreja*), e se insere solidária na atividade apostólica da Igreja Universal, em estreita comunhão com o sucessor de Pedro. Eis o outro aspecto ressaltado pelo Vaticano II e, posteriormente, desenvolvido na vida da Igreja (cf. *Puebla*, 1304).

A Igreja realiza esta sua tarefa por um esforço intra e extra eclesial. É o serviço da hierarquia e fiéis à edificação da Igreja; é o serviço à unidade cristã; é o serviço à conversão dos que ainda não crêem; é o serviço à promoção do homem e da sociedade; é o serviço em prol da justiça.

Igreja-Missionária é aquela que ajuda a construir uma nova sociedade em total fidelidade a Cristo e ao homem no Espírito Santo. Uma Igreja que denuncia as situações de pecado, que chama à conversão e compromete os fiéis na ação transformadora do mundo (cf. *Puebla*, 1305).

Há hoje um *estilo novo* na Igreja: o estilo do diálogo, da valorização e do respeito pelo homem, da cooperação com todos para o bem da verdade, para a liberdade e a justiça, para o progresso e a paz. O Vaticano II abriu-se à dimensão das realidades temporais, da política, do social, do progresso, da cultura, da paz e da guerra, da economia, da promoção do homem e do desenvolvimento dos povos e da libertação integral.

A Igreja do Vaticano II *se situa e opera no mundo* não como organização isolada e rival de outras organizações, mas como *fermento evangélico* inserido no coração da humanidade.

A obra da redenção de Cristo, se bem que tenda de per si a salvar os homens, propõe-se também a restauração de toda a ordem temporal. Portanto, a missão da Igreja não consiste só em levar os homens a mensagem de Cristo e sua graça, senão também em penetrar de espírito evangélico as realidades temporais e aperfeiçoá-las (AA 5; Sínodo dos Bispos, 1971, *O ministério sacerdotal*, 8a; GS 38: o Cristo ressuscitado que pelo poder do seu Espírito opera nos corações de todos os homens. Não só desperta o desejo da vida futura, mas anima, purifica e fortalece também aquelas aspirações generosas com as quais a família humana se esforça por tornar mais humana a sua própria existência e submeter a terra inteira a este fim).

Há *três mal-entendidos* que podem desvirtuar ou desfigurar este princípio chave: o espiritualismo, o temporalismo e a politização da Igreja.

3.5.1. O espiritualismo

Ele tem diante de si a imagem de uma Igreja fechada na sacristia. Ora, a Igreja não se pode dissociar da vida do mundo. Trata-se de levar as almas para o céu, mas não só; trata-se *também* de tornar o homem mais humano e a terra mais habitável. A nossa pastoral tem que buscar necessariamente também o bem temporal do homem sem, contudo, perder de vistas o bem eterno.

3.5.2. O temporalismo

O cristianismo não se pode reduzir a um sistema político, social ou econômico. Seria outro equívoco. O cristianismo é uma mensagem de salvação para a vida eterna. O cristianismo é um fato religioso, se bem que envolvendo toda a vida humana nos seus diferentes matizes. À Igreja como Igreja não compete fazer uma civilização, destronar governos, instaurar novos regimes políticos. Esta é a missão e o compromisso da comunidade humana da qual também os cristão fazem parte como fermento evangélico. Deve-se respeitar *o princípio da secularidade*.

Os cristãos não podem dedicar-se de tal modo ao temporal que percam de vista o eterno; não podem entregar-se com tal afincamento às reivindicações sociais que descuidem buscar e compartilhar além do pão do mundo a palavra de Deus e o pão do céu; não podem servir de tal modo ao homem que percam os vestígios de Cristo.

3.5.3. A politização da Igreja

A Igreja, precisamente porque deve anunciar e testemunhar diante dos homens Jesus Cristo, Salvador de todos, não pode *politizar-se*, isto é, engajar-se na luta partidária da política.

Isto, porém, não significa que a Igreja não se deva politizar de forma nenhuma. Ela não pode despolitizar-se quando se trata de valores cristãos fundamentais, como por exemplo, o reconhecimento dos direitos da pessoa humana ou quando está em jogo a salvação do homem. A Igreja jamais poderá concordar com um estado de coisas anti-evangélicas. Se tal situação houver, a Igreja deverá falar e promover a purificação e transformação das estruturas.

“A ação pela justiça e a participação na transformação do mundo são uma dimensão *constitutiva* da pregação do Evangelho, isto é, da missão da Igreja em prol da redenção e da libertação do gênero humano de todas as situações opressivas” (Documento do Sínodo de 1971 sobre a *justiça no mundo*, introdução, 6).

A linha pastoral da Igreja segue *hoje* a tendência de um desenvolvimento mais intenso da responsabilidade social e política do Povo de Deus, não para assegurar privilégios ou apoio do braço secular, mas para cumprir a sua missão evangelizadora.

A pastoral do Vaticano II não é uma pastoral de segregação, mas de *co-participação profunda da condição humana*, na qual estão inseridos todos os membros do Povo de Deus.

3.6. Igreja – Carisma

O Vaticano II, mais do que qualquer outro Concílio, acentuou a *ação do Espírito Santo na Igreja*. A Igreja é acima de tudo obra do Espírito Santo. É a energia divina que a trabalha por dentro. O Espírito Santo renova incessantemente. É Ele que renova sempre de novo a face da terra. É Ele o Espírito da Verdade, que, no decurso dos tempos, guia a Igreja à Verdade total (Jo 16,13). Por isso, a grande importância dada neste Concílio aos *carismas* do Povo de Deus, ao *sensus fidei* (sentido da fé) do Povo de Deus. É uma *Igreja que nasce*, como *resposta*, do Povo de Deus, mas por *ação do Espírito Santo*.

3.7. Igreja Pobre

Como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a palmilhar o mesmo caminho, para comunicar os frutos da salvação aos homens. Jesus Cristo “estando na forma Dei... aniquilou-se (*exinanvit*) a si mesmo assumindo a forma de servo” (*Fl* 2,6-7), por causa de nós, tornou-se pobre, embora fosse rico” (*2Cor* 8,9): assim a Igreja, se bem que para cumprir a sua missão tenha necessidade de bens humanos, não foi instituída para buscar a glória terrena, mas para divulgar a humildade e a abnegação também pelo meio do seu exemplo. Cristo foi enviado pelo Pai para “evangelizar os pobres... curar os contritos de coração” (*Lc* 4,18), “buscar e salvar o que perecera” (*Lc* 19,10), da mesma forma a Igreja abraça com amor todos os conflitos pela fraqueza humana, e ainda mais, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem de seu Fundador pobre e sofredor, esforça-se por mitigar-lhes a pobreza e neles servir a Cristo (*LG* 8).

Neste trecho do Vaticano II, texto fundamental para focalizar a pobreza da Igreja, ainda não se sente a profética opção preferencial e solidária pelos pobres, embora manifeste o empenho que a Igreja deve ter junto dos pobres e apresentar o rosto de uma Igreja Pobre. Estamos em outra visão que não a de Medellín, Puebla e Santo Domingo.

3.8. Igreja Dialogante

Não mais uma Igreja que polemiza, discute, mas uma Igreja que se comunica e expõe o seu pensamento, dando simplesmente testemunho de sua fé. Deus dá-nos o exemplo. Ele *tomou a iniciativa*: “Amou-nos por inteiro” (*1Jo* 4,10). Nós cristãos também devemos tomar a iniciativa em nosso encontro com os homens e não esperar que eles venham e nos chamem para o diálogo. Devemos testemunhar Cristo no mundo, entrando assim em diálogo com toda a humanidade. *O anúncio do Evangelho é o início do nosso diálogo com o mundo*. O diálogo será sem limites e sem cálculos, não se pode proporcionar aos méritos dos interlocutores, nem aos resultados que se pretendem conseguir. *A nossa missão é propor e não impor*. É preciso oferecer o Dom salvífico só pelo caminho legítimo da educação humana, da persuasão interior e do trato ordinário, respeitando sempre a liberdade pessoal e civil. Deve recomeçar cada dia e recomeçar do nosso lado, não do lado do outro a quem se dirige.

No diálogo devem andar unidos verdade e caridade, inteligência e amor.

O diálogo processa-se em quatro direções: com os irmãos de outras denominações cristãs; com os judeus; com as pessoas de outras religiões; com as pessoas que não têm fé nenhuma, os chamados ateus.

4. Síntese

Sintetizando toda a eclesiologia do Vaticano II, devemos dizer o seguinte: A *constituição divina* da Igreja não foi mudada. A constituição dada por Jesus Cristo foi a da Igreja fundada sobre Pedro e os demais Apóstolos, tendo como sucessores o Papa e os Bispos espalhados pelo mundo. Essa constituição permanece *imutável* até o fim dos tempos. É a *constituição apostólica* da Igreja.

Quando hoje se fala de *nova imagem* de Igreja, entende-se a acentuação de aspectos eclesiais pouco acentuados ou quase esquecidos na eclesiologia anterior ao Vaticano II. A eclesiologia anterior ao Vaticano II era dominada pela idéia de *sociedade perfeita* (idéia bellarminiana desejando marcar a visibilidade da Igreja e sua autoridade) e pela idéia de *Corpo Místico*, sobretudo após a Encíclica “*Mystici Corporis*” de Pio XII (29 de junho de 1943), onde o Papa identificava o Corpo Místico de Cristo com a Igreja Católica Romana.

A eclesiologia do Vaticano II trouxe à tona os aspectos:

1. *Comunhão*, não democracia;
2. *Povo de Deus*, imagem privilegiada pelo Vaticano II;
3. *Pneumatológico-carismático*: acentuação nova da presença do Espírito Santo e dos carismas;
4. *Ecumênico*: solicitude pela busca da unidade Cristã;
5. *Missionário*: Igreja-Missão;
6. *Histórico*: Igreja peregrina na história dos homens;
7. *Sacramental*: a Igreja sacramento universal de salvação;
8. *Escatológico*: não temos aqui cidade permanente, caminhamos em demanda da futura (*Hb* 13,14).

O Vaticano II fez-nos passar de uma Igreja-Instituição, de uma Igreja Sociedade-Perfeita, para uma Igreja-Comunidade, inserida no mundo a serviço do Reino de Deus; de uma Igreja-Poder para uma Igreja-Pobre, Despojada, Peregrina; de uma Igreja-Autoridade (sentido civil) para uma Igreja-Serva, Servidora, Ministerial; de uma Igreja-Piramidal para uma Igreja-Povo; de uma Igreja Pura e sem mancha para uma Igreja-Santa

e Pecadora, sempre necessitada de conversão e de reforma; de uma Igreja-Cristandade para uma Igreja-Missão, uma Igreja toda Missionária.

Eclesiologia e cristologia relacionam-se intimamente. Podemos dizer que a Igreja é a existência continuada de Cristo, é a atualização de Cristo em sua *Encarnação Redentora*.

**Aloísio Cardeal Lorscheider*

Cardeal Arcebispo de Fortaleza de 1973 a 1995, Arcebispo Emérito de Aparecida/SP